

Dionísio

Marcos de Barros Lisboa¹

Comecei minha formação em economia na UFRJ, à época, ainda mais do que agora, uma escola heterodoxa. A maior parte dos cursos apresentava os temas à luz do seu desenvolvimento e dos debates na história do pensamento econômico, sendo rara a utilização de manuais tradicionais de economia; neoclássica, como se dizia. Mesmo no curso de microeconomia, começávamos com *Valor e Capital*, de Hicks. Escolhi permanecer na escola para fazer o meu mestrado, enquanto meu compadre Ilan Goldfajn escolheu a PUC-Rio.

Ilan comentou certa ocasião sobre o projeto de um curso de Teoria Monetária, a ser oferecido por Dionísio, seu orientador de mestrado, e cujo objetivo era estudar um livro então recente de Douglas Gale, *Money: in equilibrium*.

Dionísio era respeitado, por heterodoxos e ortodoxos, pela sua inteligência, erudição e profundidade. Acho que, por causa disso, era tão diverso o perfil dos alunos do curso: de Eduardo Loyo, da PUC, a Álvaro Sandroni, do IMPA, passando por Renato Fragelli, da FGV. Naquela época, muitos tratavam a economia como uma extensão da política, com visões de mundo determinando a abordagem e os argumentos a serem utilizados na análise dos problemas, e sendo mais comum o confronto do que debates construtivos com a contraposição das evidências disponíveis. Reflete a natureza de Dionísio que houvesse em seu curso alunos de todas as escolas de pós-graduação do Rio de Janeiro.

Descobri, durante o curso, que os elogios eram menores do que a pessoa. Dionísio era generoso, cuidadoso no trato e contumaz no exercício do diálogo. O curso era estruturado como uma conversa. Dionísio ouvia com atenção nossos argumentos, estimulava a discussão, explicava. Tratava-se de um texto difícil para quase todos, pois os modelos de equilíbrio geral eram raros no ensino brasileiro naqueles anos, sobretudo para um aluno com formação heterodoxa.

Dionísio ensinava estimulando que construíssemos nossas próprias conclusões, perguntando, sugerindo novos argumentos, incentivando a troca de opiniões. Minha sensação, ao recordar aquele período, é que aprendi muito mais com ele do que com o que havia lido, sobretudo a enfrentar melhor problemas para os quais não existe uma única solução previamente determinada. Mais tarde, tive duas experiências semelhantes, em que os cursos eram formalmente organizados sob a forma de problemas a serem resolvidos pelos alunos,

¹ Como sempre, Luiz Eduardo Meira de Vasconcellos foi gentil em tornar o texto menos inepto.

estimulados a construir suas próprias soluções. Desde então, essa é o modo como prefiro organizar meus cursos.

O que estudei com Dionísio foi importante na minha decisão de estudar equilíbrio geral com ativos financeiros, que terminou por ser o tema da minha tese de doutorado. Com ele compreendi, pela primeira vez, como essa abordagem, ainda que bastante abstrata, pode ser útil para a análise dos mais diversos fenômenos, entre os quais o desenho da política social, a regulação de mercados específicos e o crescimento econômico.

Seu conhecimento tinha como contraparte a ausência das ideias que nascem prontas ou que se proclamam autoridade. Todas as explicações propostas deveriam ser analisadas, simultaneamente, com o carinho interessado que dedicamos ao começo de um namoro e a incredulidade de Tomé. Receber o que é novo, confiando na sua possibilidade de sucesso, e conhecer todos os seus detalhes. Ao mesmo tempo, o ceticismo construtivo: nossas explicações são invariavelmente temporárias, talvez não tenhamos considerado todas os aspectos relevantes do problema analisado; devemos sempre procurar superá-las, perguntar se fomos cuidadosos o suficiente, sobretudo com o que fazemos no serviço público, pois temos a responsabilidade de decidir sobre ações que afetam muitos.

Havia, em Dionísio, empatia, a preocupação com as decisões e os caminhos de seus alunos; procurava ajudar-nos a que cada um fizesse o que lhe fosse mais apropriado, evitando que, por motivos justificáveis apenas aos vinte anos, fizéssemos escolhas inadequadas para o restante da vida. Com discrição e delicadeza, Dionísio cuidava.

Tenho por ele carinho e gratidão, mas falhei, como aluno, por não lhe ter agradecido em vida o que recebi. O que ele me proporcionou é um presente e um privilégio. Resta a esperança de poder fazer por outro o que Dionísio, com graça e generosidade, distribuía à larga.